Teorias culturais despolitizadas - o enfraquecimento do político nos estudos culturais¹

João Montenegro S. P. Reis²

Mohammed El Hajji³

Resumo

Este artigo procura identificar, com base em argumentos de teóricos culturais como Armand Mattelart, Terry Eagleton e Douglas Kellner, aspectos que estão relacionados ao afastamento do político que vêm caracterizando as abordagens e análises dos estudos culturais. Além da institucionalização desses estudos, o que lhes conferiu maior grau de dependência ao Estado, da pluralidade de escolas e estudiosos em diferentes partes do mundo, que utilizam técnicas e metodologias distintas, e do caráter transdisciplinar dos estudos culturais, a desorganização e outros problemas típicos do que é considerado uma anti-disciplina promovem sua fragmentação e o afastamento da realidade sociopolítica, limitando-os, em muitos casos, ao academicismo.

Palavras-Chave: estudos culturais; político; cultura; mídia

Introdução

As transformações sofridas pelos diversos grupos sociais, povos e nações geram a necessidade de novas percepções, de olhares diferentes, que levem em consideração o dinamismo e mutabilidade dos espaços e relações sociais.

A sempre vigente tensão entre tradição e modernidade se dá exatamente em função da formatação de novos movimentos, discursos, enfim, da emergência de novos modelos e paradigmas, por um lado, e da obsolescência e inevitável desconstrução de pensamentos e valores ideológicos tradicionais, por outro.

Não há dúvida quanto ao fato de que tudo o que é novo, mesmo de caráter vanguardista, posiciona-se de maneira a confirmar ou negar certos padrões anteriores, de modo que, mal ou bem, terá, no mínimo, algum resquício daquilo que o precedeu. O

---

¹ Trabalho apresentado no Intercom Junior, na Área Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Estudante do 8º período de jornalismo da Escola de Comunicação – UFRJ. Bolsista do Programa de Educação Tutorial da Escola de Comunicação (PET-ECO) da UFRJ. E-mail: jreismn@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Escola de Comunicação da UFRJ. Email: mohahajji@yahoo.com.br

moderno ou o contemporâneo, nada mais é do que o resultado de uma hibridização de experiências, sentidos, valores do passado, com todas as aspirações e mudanças que se delineiam no presente, tornando o futuro passível de imaginação.

A fim de se compreender essas transformações que vão alterando o curso da história do homem e dos mais variados conjuntos sociais organizados pelo mundo, cabem análises que não se limitem às barreiras geralmente impostas pela disciplina, no sentido foucaultiano da palavra, isto é, que não sejam desenvolvidos estritamente sob as conformações, particularismos e teorias exclusivas de um tipo de tratamento ou visão de mundo específicos.

A transdisciplinaridade é, portanto, uma possível alternativa rumo a um entendimento de mundo que escape, pelo menos em algum nível, dos “pré-conceitos” e limites disciplinares, ou mesmo de avaliações que aparentem se basear no senso comum. Pois esse não deixa de ser a própria ideologia naturalizada e interiorizada; trata-se de um estado em que o ‘achismo’ adquire caráter quase dogmático e de significativo poder de convencimento, podendo levar à cegueira e ignorância quanto a determinados fenômenos de inegável relevância para a sociedade.

Nesse ponto, os Estudos Culturais que, ao conjugar as teorias da comunicação, da antropologia e sociologia, buscam analisar as relações sociais e políticas, a partir de um olhar sobre a cultura mundial e local, destacam-se por suas abordagens que superam as diferenças disciplinares. Tal corrente procura atentar para as diversas variáveis, a forças internas e externas que nem sempre podem ser previstas ou mesmo compreendidas racionalmente ou através de tipos de interpretação convencionais, disciplinadas pelo método científico. Essas, por mais que cheguem a resultados que estão calcados na exatidão do método, deixam de contemplar, muitas vezes, aspectos que escapam aos números, estando sujeitas à subjetividade, alteridades e particularidades humanas.

No entanto, ao se distanciar do método e das convenções disciplinares, e sofrendo influência de abordagens pós-modernistas relativistas, os estudos culturais produzem discursos, muitas vezes, ambíguos e contraditórios, que desconstróem tudo e não propõem nada.

É comum a falta de objetividade de teorias culturais que se limitam ao academicismo, às críticas à epistemologia e aos choques interdisciplinares. E, na falta de visões minimamente homogêneas, torna-se difícil a realização de um estudo organizado e criterioso. Além disso, é preocupante a forma como muitos estudiosos

avaliam as relações entre cultura, política e a organização social de determinados grupos, considerando o que é melhor para sua sobrevivência (e bem estar), freqüentemente a partir de um plano externo.

Essas abordagens têm como base a preocupação de manter um distanciamento crítico do objeto de estudo, podendo suscitar problemas como o afastamento da política e de movimentos sociais. Pois, a partir do momento em que a teoria não é aplicada à realidade ou trabalhada de forma objetiva, fica difícil de se estabelecer um objeto de estudo específico e até uma coerência entre as falas dos próprios autores dos estudos culturais.

Este ensaio terá como objetivo destacar aspectos que levaram ao afastamento dos estudos culturais do político, com base em argumentos de Douglas Kellner, Terry Eagleton e Armand Mattelart, e relacionar esse fenômeno à desorganização e falta de coesão do campo, bem como aos confrontos interdisciplinares que caracterizam os estudos culturais, cuja natureza anti-disciplinar pode estar motivando seu distanciamento do social real.

Estudos Culturais: da marginalidade à institucionalização

Os *English Studies*, precursores dos Estudos Culturais, têm sua origem no século XIX, quando uma tradição de pensamento emergiu na Grã-Bretanha, preocupando-se em denunciar “os estragos da ‘vida mecanizada’, como efeito da ‘civilização moderna’.” (Néveu; Mattelart, 2004:19). Tais estudos focavam-se basicamente na alta literatura inglesa que, segundo os pesquisadores, representava a melhor opção para civilizar as massas, instilando um “espírito de sociedade,” parafraseando Voltaire, nas novas camadas sociais. Porém, os *English Studies* ainda eram ignorados pelas altas instâncias das elites acadêmicas britânicas.

Somente no período entre-guerras, nos anos 20 e 30, é que os *English Studies* vão ter sua consagração acadêmica, com um número mais expressivo de intelectuais da área, que já lançavam revistas como “Scrunity”, “(...) questionando o papel da cultura como instrumento de reconstituição de uma comunidade, de uma nação, em face das forças dissolventes do desenvolvimento capitalista” (Ibid., p. 40). Isso porque havia um projeto de se reafirmar a tradição inglesa, um modo tradicional de ser inglês (*the englishness*), a fim de se conter a massificação e vulgarização da cultura, restituindo os

valores antigos através do enfoque em textos literários e artes, elementos da alta cultura inglesa.

Os estudos culturais propriamente ditos (oficiosamente) surgem na década de 60, “fazendo das culturas populares ou dos estilos de vida das novas classes objetos dignos de um investimento erudito” (Néveu; Mattelart, 2004: 50). Um passo fundamental para isso, certamente, foi dado por Richard Hoggart, que publicou, ainda em 1957, o livro “The Uses of Literacy: Aspects of Working Class Life with Special References to Publications and Entertainments”, em que analisava a influência da cultura difundida em meio à classe operária pelos meios de comunicação .

Com o nascimento do CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies), na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964, os estudos culturais adquirem maior importância e status no meio acadêmico, ainda que sob os olhares de desconfiança de sociólogos, que temiam o avanço de tais estudos sobre sua área. Também os especialistas em estudos literários desaprovavam o deslocamento do enfoque analítico da literatura (e arte) tradicional para a cultura popular de massa.

Assim, gradativamente, os Estudos Culturais vão adquirindo reconhecimento institucional, o que era de grande importância para os intelectuais envolvidos com esse ‘projeto’, que parecia constituir uma anti-disciplina, por não ter um único objeto ou critérios específicos. No entanto, essa nova condição abriu brechas para a despolitização dos estudos culturais, pois os estudiosos passam a ser financiados, em muitos casos, pelo próprio Governo.

A institucionalização dos departamentos britânicos dos estudos culturais também contribui, ao reduzir a marginalidade de seus pesquisadores, a abrir a possibilidade de cooptação dos heréticos por instituições onde doravante dispõem de postos de trabalho, de crédito, de poderes. ” (Ibid., p. 153-154)

Processos de despolitização

A despolitização dos estudos culturais também está associada ao enfraquecimento dos movimentos sociais e sindicais, e aos ataques às políticas de intervenção cultural por parte de governos conservadores como os de Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Reagan, nos EUA. Com a extinção da revista *Marxism Today*, cujo principal autor era Stuart Hall, esse afastamento ficou ainda mais evidente, o que também foi incentivado pelo triunfo de um liberalismo econômico e do conservantismo moral e político.

Segundo Mattelart, a postura exageradamente academicista adotada por muitos autores dos estudos culturais – fato que está relacionado a esse processo de despoliticização - conferia-lhes um ar de superioridade, de “onipotência teórica e extralucidez crítica”, o que velava, de certa forma, o não acesso ao social real. O teorismo *chic et choc*, como chama o autor, acompanha as lógicas econômicas de rentabilidade em curto prazo que caracterizaram a consolidação do liberalismo econômico, expressando-se em relativizações e desconstruções⁴, muitas vezes dissociadas de uma motivação política. Tais atitudes põem em jogo a condição, freqüentemente afirmada *a priori*, de atividade política atribuída aos estudos culturais, quando, em verdade, existe um distanciamento entre as teorizações e o mundo real, cujos problemas demandam atitudes práticas.

Os estudos culturais eruditos e realistas deveriam (...) deixar de pretender *ser* a política, de confundir a universidade com o conjunto da sociedade. (...) Se quisermos fazer política, organizemo-nos em grupos, em coalizões e *lobbies*, manifestemo-nos, ou seja, façamos política. Mas não finjamos crer que nosso trabalho universitário já seria isso. (Ferguson; Golding, 1997: 37)

Para Douglas Kellner, muitas das configurações atuais dos estudos culturais são unilaterais demais, produzindo novas divisões no campo e, em parte, bloqueando o campo das comunicações por dar ênfase excessiva aos textos culturais e à recepção pelo público. Assim, deixam de lado análises de como os textos são produzidos no contexto da economia política e do sistema de produção da cultura, e o modo como o público e sua subjetividade são produzidos pelas várias instituições, práticas e ideologias sociais.

Kellner cita algumas tendências que vêm caracterizando as linhas de pesquisa dos estudos culturais e contribuindo para o afastamento do político, como o *fetichismo do público*, em que se confere ênfase excessiva aos processos de recepção e construção de significados por parte do público. Subestima-se, segundo essa visão, o poder de manipulação e enquadramento social que é exercido pelos *mass media*. Já o que chama de *fetichismo da resistência* estaria relacionado à supervalorização de qualquer forma de resistência, dentro de uma leitura contestadora. Isso pode levar “ao elogio populista acríptico do texto” (Kellner, 2003: 59) por parte de autores, que perdem o foco dos

---

⁴ Vide caso Sokal – Social Text.

diferentes contextos sócio-políticos que estão envolvidos no processo de decodificação (para citar Stuart Hall) das mensagens da mídia. Além disso, há o *fetichismo do luta*, tendência que faz do “popular” um terreno de lutas contra-hegemônicas, em que se escaparia ao controle e manipulação sociais. Contudo, essa dimensão do popular, ao considerar comportamentos apáticos, como os devaneios de jovens em praias e fliperamas durante a semana, formas de contestação, perde de vista o fato de que esses indivíduos se enquadram perfeitamente na ideologia dominante, em acordo com os interesses do poder vigente. Por fim, Kellner cita o fetichismo do prazer público, em que se atenta para o prazer suscitado pelos meios de comunicação de massa, como a TV e o cinema, ou seja, valoriza-se qualquer forma de cultura que proporcione prazer ao público. Abordagem essa que deixa de lado a distinção entre certos tipos de prazer e entre os modos como o prazer pode atar os indivíduos a posições conservadoras, sexistas, racistas e masculinistas. Essa perspectiva mascara os processos de significação⁵ por que passa, a todo o momento, o conceito de prazer, que é, em verdade, um construto social e, portanto, é aprendido socialmente.

O afastamento do político também pode ser explicado pela postura de determinadas correntes pós-modernistas que primam pelo relativismo e adotam uma postura expressamente contrária à verdade absoluta, enxergando tal condição como um potencial dogmatizador, contribuindo para a falta de posicionamento que é percebido nos trabalhos dos estudos culturais. Terry Eagleton, crítico literário britânico, afirma que certas perspectivas pós-modernistas se abstêm de defender uma posição, alegando que isso seria “algo objetivamente hierárquico” (Eagleton, 2005: 149). Para o autor, a verdade absoluta, que perde espaço no contexto atual dos estudos culturais, para discursos difusos e ambíguos, não significa uma recusa a qualquer tipo de argumento contrário válido, não tem a ver com fanatismo e nem se trata de uma verdade não-histórica, que ‘vem de cima’. “Ao contrário, são verdades descobertas através de argumento, evidência, experimento, investigação.” (Ibid., p.154).

Eagleton ainda faz uma crítica à falta de objetividade nas abordagens das teorias culturais, principalmente aquelas ligadas a determinadas correntes pós-modernistas. Esse aspecto estaria associado à tentativa de certos pesquisadores de se manterem completamente imparciais diante de certos fenômenos sócio-políticos e culturais. Para o autor, a posição de “desinteresse”, que se reflete na imparcialidade e neutralidade nessas

---

⁵ Os processos de significação, que constituem a cultura, estão imbricados nos processos de dominação e resistência, que, por sua, vez são permeados por interesses políticos e econômicos.

análises pode levar ao enfraquecimento da objetividade e ao distanciamento de um julgamento judicioso, já que é preciso algum nível de interesse e vontade para se fazer uma avaliação justa. “A objetividade requer um alto grau de paixão – em particular, a paixão de fazer a espécie de justiça que poderia expor à revisão seus preconceitos mais profundos.” (Eagleton, 2005: 185).

A falta de objetividade pode ser exemplificada pela negação de qualquer forma de natureza humana, o que é arduamente defendido pelos anti-essencialistas. Ao se negar qualquer tipo de explicação mais direta, que se limite a aspectos físicos, biológicos, por exemplo, acaba-se produzindo, segundo Eagleton, “uma imagem faustiana de nós mesmos” (Ibid., p. 167) e dá brechas para se fantasiar que a cultura substitui totalmente a natureza material humana. Tais autores não aceitam que o homem possui uma natureza num sentido físico, que lhe caracteriza como espécie e está também na raiz de aspectos políticos e morais. Por isso, cometem o erro de elevar o ser humano exclusivamente ao nível do significado e do valor, contribuindo para um distanciamento do ‘real’.

O não estabelecimento de posicionamentos e respostas concretas às questões políticas e culturais são também consequência dessa falta de objetividade. Enquanto os teóricos culturais permanecerem isolados do objeto de estudo, sem nenhuma forma de comprometimento com as questões envolvidas, estarão longe de uma posição de saber. Pois é preciso recortar as diferentes realidades sob determinado ângulo, para compreendê-las efetivamente.

A Questão disciplinar

Os Estudos Culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos do passado. (...) tiveram uma grande diversidade de trajetórias; (...) foram construídos por um número de metodologias e posicionamento teóricos diferentes, todos em contenção uns com os outros. (Hall, 2003: 200-201)

Há uma desorganização e uma certa confusão que permeiam os estudos culturais. Entre as muitas contradições e desentendimentos que caracterizam esses estudos, parece haver teorias demais e respostas de menos. O que resulta em muito academicismo e pouco engajamento prático e político.

Por estarem intimamente ligados ao vasto campo da comunicação, que engloba não apenas os meios de comunicação, em termos tecnológicos e práticos (uso social), mas também os efeitos da cultura da mídia sobre os receptores, os estudos culturais debruçam-se sobre uma vasta gama de objetos, em diferentes contextos e, por isso, estão sujeitos a um diálogo conflitante entre linhas de pesquisa diversas.

Esse campo teórico é amplo e constituído por abordagens multi-perspectivas, que, por sua vez, se baseiam em conceitos nem sempre transversais a todas as disciplinas que o fundamentam, sendo freqüentemente motivo de discussão entre os próprios pesquisadores.

Mesmo o vocabulário dos estudos culturais é contestado, não havendo acordo em torno dos termos básicos usados para descrever seu campo. Na verdade, nos últimos anos, surgiram novas escolas de estudos culturais na Austrália, no Canadá, nos Estados Unidos em outros países, utilizando diferentes métodos, conceitos, estratégias e abordagens. Há, portanto, uma pluralidade de estudos culturais uma série de debates em torno de métodos, focos, política, bem como de sua institucionalização ou não, etc. (Kellner, 2003: 52)

Além disso, o processo de internacionalização dos estudos culturais, que se consolidou nos anos 90, embora tenha demonstrado a importância que assumiam no cenário acadêmico mundial, contribuiu para sua perda de identidade, de rigor e fecundidade. (Néveu; Mattelart, 2004). As diferentes contextualizações e a distância física entre os autores, então espalhados pelo mundo, propiciaram usos diferentes das teorias culturais e novos embates epistemológicos entre os pesquisadores.

Outra razão para os constantes desentendimentos inter-disciplinares que acabam motivando o enfraquecimento político dos estudos culturais é o relativismo característico dos discursos pós-modernistas. A preocupação em desconstruir visões pré-estabelecidas, teorias e ‘verdades absolutas’, sem necessariamente utilizar um embasamento científico para tanto, esconde a falta de alternativas e propostas concretas,

que possam vir a ter um uso social. Soma-se a isso a inexistência de uma metodologia minimamente homogênea necessária para que pesquisadores de diferentes campos possam intercambiar suas idéias e experiências. Há, por exemplo, autores que dispensam investigações de campo para o estudo de emissão e recepção de mensagens, enquanto outros utilizam métodos empíricos, típicos da antropologia. Certas convenções em termos de vocabulário são, do mesmo modo, importantes, no caso de palavras e expressões que designam elementos centrais às investigações dos estudos culturais. A expressão ‘cultura de massa’, por exemplo, suscita árduas discussões entre os autores do campo. Adorno⁶ substitui tal termo por indústria cultural, empregando à forma de cultura um caráter comercial e serializado. Já Kellner critica seu uso, argumentando que, além de elitista, por dar a idéia de que existe uma cultura de cima e outra de baixo, a expressão não faz diferença da cultura que é produzida pelo povo da que é feita para o povo.

Conclusão

Os aspectos supracitados - a saber, o relativismo ou o distanciamento crítico exagerados perante o objeto de estudo; a desorganização dos estudos culturais e a falta de convenções disciplinares; a postura academicista e a não apresentação de propostas concretas com poder de intervenção social – contribuem para a perda de objetividade das teorias culturais, a que Eagleton se refere, e o afastamento do político que é ressaltado tanto por Kellner como Mattelart. Os incessantes conflitos e desacordos entre pesquisadores que se embasam em teorias distintas para suas análises impedem o fortalecimento ou a concretização de uma teoria cultural robusta o suficiente para intervir na realidade sociopolítica.

Deve-se atentar, no entanto, para o fato de que os estudos culturais, apesar de se caracterizarem pela abertura e pela transdisciplinaridade, não podem ser reduzidos a um pluralismo simplista. Os estudos culturais estão sujeitos à tensão promovida pela abordagem dialógica à teoria. Mas não podem ser considerados uma disciplina, no sentido tradicional, pois há uma “recusa de se fechar o campo, de policiá-lo e, ao mesmo tempo, uma determinação de se definirem posicionamentos a favor de certos interesses e de defendê-los.” (Hall, 2003: 201). Como projeto intelectual, tais estudos estão diretamente associados à teoria, mas nem por isso perdem de vista um projeto político, a partir do qual se pode aplicar o conhecimento adquirido em favor da

---

⁶ Autor bem representativo da Escola de Frankfurt.

sociedade. Pois teoria e política se fundem tanto no momento em que se define o que será estudado quanto no modo como serão conduzidos e divulgados os resultados das pesquisas teóricas. Para Stuart Hall a teoria deve ser entendida como

“um conjunto de conhecimentos contestados, localizados e conjunturais, que têm de ser debatidos de um modo dialógico. Mas também como uma prática que pensa sempre a sua intervenção num mundo em que faria alguma diferença, em que surtiria algum efeito.”

(Hall, 2003: 217)

Os teóricos culturais devem se preocupar não só com as pesquisas e debates acerca de questões políticas, através de um olhar sobre os fenômenos culturais que as cerceiam (procurando identificar o que há de político no cultural e de cultural no político), mas aplicar, sempre de forma contextualizada, a teoria aos processos de intervenção na realidade sociopolítica. Para isso, é importante que propostas sejam apresentadas como alternativas aos problemas verificados pelas pesquisas, superando os embates interdisciplinares e o relativismo que, segundo Eagleton, é uma forma de se racionalizar esvaziando os conflitos. Não é mister, contudo, que as verdades absolutas sejam apropriadas de forma totalitária, mas que sejam flexibilizadas sem, no entanto, cair nas desconstruções e críticas a qualquer forma de sistematização. Afinal, há aspectos disciplinares que são importantes para a organização e compartimentação de idéias, saberes e fundamentos, principalmente no caso dos estudos culturais, que se vêem mergulhados num mar de vocabulários e visões destoantes, devido à amplitude do campo e à presença de pesquisadores de áreas distintas.

Bibliografia

EAGLETON, T. **Depois da teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Trad.: Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERGUSON, M.; GOLDING, P. **Cultural Studies in Question**, London: Sage, 1997

HALL, S. **Da Diáspora** – Identidades e Mediações Culturais. Editora UFMG, 2003.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia** - Estudos Culturais: Identidade Política entre o Moderno e Pós-Moderno. EDUSC: São Paulo, 2001.

MATTELART, A.; Neveu, É. **Introdução aos Estudos Culturais**. Parábola Editorial, São Paulo. 2004